



A DIVERSIDADE COMO REFLEXÃO: estudos com currículo educacional

Resumo

O artigo apresenta o resultado de estudos realizados com projeto - ensino, pesquisa e extensão – denominado: “Descolonizando: debates e reflexões sobre currículo educacional e diversidades”, desenvolvido junto ao programa de extensão LET (Laboratório de estudos do texto) na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Para este artigo o objetivo é apresentar o resultado do trabalho realizado e gerado a partir do desenvolvimento das ações do projeto com o Grupo de Estudos em Currículo Educacional e Diversidades – GECED. O GECED existe desde 2017 e está formado por professores da UEPG, da rede pública e privada de educação básica, por alunos da UEPG e alunos da educação básica. A pesquisa é qualitativa e a metodologia utilizada para analisar os dados é a análise de conteúdo de (BARDIN, 2016). O resultado obtido confirma que o formato de projeto integrado gera conhecimentos entre seus participantes a partir do ensino, da pesquisa e da extensão.

Palavras-chave: Diversidade. GECED. Currículo Educacional.

LA DIVERSIDAD COMO REFLEXIÓN DE ESTUDIOS CON CURRÍCULO EDUCACIONAL

Resumen

El artículo presenta resultado de estudios realizados con proyecto – enseñanza, pesquisa y extensión – nombrado: “Descolonizar: debates y reflexiones sobre el currículo educativo y la diversidad”, desarrollado junto al programa de extensión LET (Laboratorio de estudios del texto) en la Universidad Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Para este artículo el objetivo es presentar el resultado de trabajo realizado y generado desde el desarrollo de acciones del proyecto con el Grupo de estudios en Currículo Educativo y diversidades – GECED. El GECED existe desde 2017 y está formado por profesores de la UEPG, de la red pública y privada de educación básica, por alumnos de la UEPG y alumnos de la red de educación básica. La pesquisa es cualitativa y la metodología utilizada para análisis de los datos es el análisis del contenido de (BARDIN, 2016). El resultado obtenido confirma que el formato de proyecto integrado genera conocimientos entre sus participantes a partir de la enseñanza, de la pesquisa y de la extensión.

Palabras clave: Diversidad. GECED. Currículo educativo.

DIVERSITY AS A REFLECTION OF STUDIES WITH EDUCATIONAL CURRICULUM

Abstract

This current research paper, present the results of the Project about – teaching, research and extension – named: “Decolonizing: debate and reflexion over educational curriculum and diversity”, developed with the extension program LET (Laboratory of writing study's) at



State University of Ponta Grossa (UEPG). To this present research paper, the goal is to show the results of the union of the group GECED (Study group of educational curriculum and diversity). The group was founded in 2017 and it is composed by teachers and students of UEPG, and other teachers of public and private schools, and even some students of high school. The research is qualitative and the methodology used was, content analysis (BARDIN, 2016). The results have proven that the molded of the Project foment knowledge between the participants of the teaching, research and extension.

Key-words: Diversity, GECED, Educational Curriculum

INTRODUÇÃO

A universidade proporciona ao professorado, aos acadêmicos (as) e aos alunos (as) de escolas de educação básica vislumbrar cenários outros que também trabalham com a educação de maneiras diferentes. Assim, o ensino, a pesquisa e a extensão podem ser englobadas nestes projetos são realizados desde a sala de aula até alguns locais que os acadêmicos, por exemplo, ainda não tenham tido contato. Este foi o caso do GECED¹ e seus integrantes no decorrer do ano de 2019.

As questões que marcam diferenças entre os meninos e as meninas são advindas da família e da convivência em sociedade desde que a pessoa nasce. Por isso, ao chegarem à escola as crianças têm conhecimento de mundo diferentes umas das outras que pode variar entre serem pessoas com maior entendimento sobre as diversidades que envolvem um ser humano ou trazerem consigo alguns pré-conceitos que fazem parte de seu ambiente familiar e social.

Pode-se dizer que a escola sabe que cada ser é diferente e que traz suas verdades, mas ao entrarem para uma instituição escolar a pessoas passa a ser tratada dentro de um padrão modelo de norma carregado de “classificação, ordenamento e hierarquização” (LOURO, 1997, p. 57).

Entretanto, é sabido que não é somente a escola normatizada que apresenta os adjetivos anteriormente trazidos que hierarquizam funções entre as pessoas, que ordenam como forma de imposição onde uns valem mais que outros ou ainda que classificam dividindo em camadas, por exemplo, as pessoas dentro das coletividades.

Neste sentido, além do ensino e da pesquisa o grupo GECED se atenta às necessidades da comunidade local e regional para o desenvolvimento da extensão. E esta é uma marca consolidada pelo GECED, não levamos algo para aplicar em outros espaços, o trabalho com as instituições de educação formal ou não formal ocorre da seguinte forma: procuramos conhecer as necessidades das diversas realidades e assim providenciamos condições para desenvolver algum trabalho, junto àquela comunidade que seja significativa para eles e, por conseguinte, que esteja dentro daquilo que nos propomos a trabalhar.

O artigo apresenta os planos de estudos das atividades desenvolvidas em diferentes instituições como escolas e ONGs, por exemplo. Os dados para o artigo foram gerados pelos/as participantes do GECED e esse material foi coletado em relatórios que são realizados por estas pessoas ao final do ano. O objetivo da realização do relatório por parte dos/as participantes foi obter uma avaliação para a continuidade ou a não das atividades

¹Você pode conhecer o histórico do GECED em: <https://bibliotecavirtual.unl.edu.ar/publicaciones/index.php/Extension/article/view/7724>



desenvolvidas no GECED, como um componente extracurricular a contribuir para a formação de acadêmicos/as.

QUESTÕES RELACIONADAS AO CURRÍCULO

A abordagem sobre o papel do currículo na educação é ampla e aqui não se procurará definir ou dizer a finalidade do currículo e sim apresentar algumas poucas palavras sobre o currículo, à guisa de compreensão sobre o que é um currículo na educação. Anteriormente, em Braga (2018) afirmamos que quando se trata de currículo na universidade, por exemplo, as pessoas, sejam elas professores (as) ou acadêmicos (as) apresentam algumas dúvidas, sobre afinal, qual é a função do currículo na educação.

Para Goodson (2013, p. 14), que trabalha com currículo há mais de três décadas, “qualquer afirmação sobre currículo deve estar localizada no período histórico em questão.” O jogo político é transformado sazonalmente dentro das estruturas que, sempre estão em movimento e o currículo acompanha essa marcha.

É neste emaranhado histórico, político e por que não ideológico que a educação, concebida inicialmente para atender uma parte da população que qualquer lugar, desde que fosse a parte rica se desenvolveu. (LOURO, 1997). Para a autora, além de ter sido criada apenas para uma parcela da população a educação, via escolas, foi sendo “requisitada por aqueles/as aos/às quais havia sido negada” (LOURO, 1997, p. 57). Ou seja, as políticas de inclusão na educação não se desenvolveram a partir da criação de projetos públicos, mas, as pessoas que se sentiam menos atendidas é que foram lutar por espaços, principalmente no início, as mulheres, de acordo com a autora.

Por isso, em relação à política de inclusão educacional nos currículos implicamos em afirmar que as condições para assegurar o acesso igualitário de pessoas ao acesso dos bens educacionais, historicamente acumulados são desiguais. Este processo de inclusão se constitui na preocupação e cuidado da escola com o atendimento à diversidade individual e social do (a) aluno (a), por exemplo. Bem como na garantia do direito de que todos (as) tenham o mesmo currículo para o acesso ao conhecimento, em busca de valores e cidadania.

A BNCC (2017) apresenta em suas competências de número nove e dez o desenvolvimento de valores como: responsabilidade; cidadania; empatia e cooperação, no sentido de fazer respeitar e promover o respeito ao outro com a valorização da diversidade, que é em suma o maior princípio da humanidade, sem preconceito de qualquer natureza.

Neste sentido, a educação inclusiva se constitui também em constantes processos de mudanças de valores e compromissos do (a) profissional de educação. É importante ressaltar o fato de que o trajeto do sujeito como um todo na escola é capaz de produzir, além da inclusão social do (a) aluno (a) em sua diversidade, pode proporcionar mudanças de posições pessoais e, sobretudo coletivas, ou seja, o impacto nas metodologias de inclusão precisa ser integral na dinâmica da escola onde os (as) profissionais, a comunidade escolar e alunos (as) são afetados. Dessa forma poderá ocorrer algum movimento e esperança da constituição de uma sociedade inclusiva. Freire (2000, p. 81) escreveu: “A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria História, mas puro determinismo. Só há História onde há tempo problematizado e não pré-dado. A inexorabilidade do futuro é a negação da História”.

A valorização do ser humano em sua plenitude é uma esperança que poderá ampliar as possibilidades de desenvolvimento dos sujeitos, em um mundo cada vez mais acelerado. Certamente que a problematização dos acontecimentos é imprescindível para o questionamento dos porquês dos fatos históricos.



Em primeiro lugar deve-se agir com base naquilo que desejamos acerca do processo de promoção da equidade como forma de preparação para o caminho a ser seguido. Portanto, assegurar aos diferentes sujeitos o direito de aprender e permanecer no espaço escolar é um constante reinventar-se para garantir práticas pedagógicas adaptadas.

O processo da constituição de um currículo diverso está a cargo daquelas pessoas que o fazem. E neste nicho de diversidades está também o conhecimento do profissional da educação envolvido no processo de ensinar e aprender. É primordial que o processo de ensino se curve diante do processo de aprendizagem para que de fato se tenha como objetivo a construção e a organização do conhecimento. Afinal, a pessoa que estuda não pode ser identificada como ser rasa e receptora de conhecimento, é necessário, portanto, que o protagonismo do processo de ensino conheça profundamente as pessoas que compõem o processo de aprendizagem (FREIRE, 2000).

Isto posto, significa afirmar que o processo de inclusão defendido é de que a concepção de diversidade não se configura como adaptação das matrizes curriculares para determinados tipos de deficiências e síndromes ou para determinados grupos sociais, e sim é baseada na identidade, no interesse e nas possibilidades de cada estudante. Não se trata de produzir um currículo específico e menos complexo, mas, de uma relação clara e embasada entre os processos de ensino e aprendizagem reconhecendo a diversidade de identidades que o espaço curricular pode abranger.

LINGUAGEM E CURRÍCULO

O nosso posicionamento enquanto pesquisadores do currículo e com o propósito de nos inserirmos, neste artigo, com autoria definida e em um viés epistemológico o mais claro possível nos diz que é importante nos assumirmos como autores críticos. Assim, além de assumirmos uma orientação crítica para o desenvolvimento do artigo, também trazemos uma contextualização mais crítica sobre o uso da linguagem que nos apropriamos.

Neste segmento, apresentamos a linguagem como um fator deliberativo para o nosso posicionamento e para nos sustentar nesta perspectiva nós apoiamos nos estudos dos atos de fala de Austin (2008), autor inserido na área da filosofia da linguagem. Além disso, fundamentamo-nos em Rajagopalan (2010), autor este que se declara partidário dos estudos de Austin.

Assim, os atos de fala levantados na coleta de dados para este artigo podem ser entendidos como declarações constativas (atos de fala que são emitidos para constatar - um exemplo que facilita o entendimento sobre uma sentença constativa. Ao perceber que uma caneca com leite sob o fogo ferve e derrama, ou seja, é uma constatação dizer: o leite derramou) ou como declarações performativas (atos de fala que são emitidos para obter uma performatividade – entendimentos diferentes dos constativos). Um exemplo de sentença constativa tradicionalmente utilizado por Austin (2008) é o caso da declaração do casamento, pois a expressão “eu os declaro marido e mulher” profere uma expressão que precisa da aprovação das pessoas envolvidas no rito, além disso, tratar a celebração neste formato é uma tradição cristã que pode ser diferente de outras religiões, crenças, costumes, etc. Para Austin (2008), a performatividade de uma sentença, uma palavra, uma declaração não pode ser absolutizada porque os termos são utilizados de acordo com a necessidade de cada caso, de cada realidade e situação de contexto.

Desta forma a utilização de uma sentença constativa, para Austin (2008) pode ser lida como a indicação de que algo acontece naquele momento do discurso, por exemplo.



Entretanto o autor diz que o discurso nem sempre será entendido como uma constatação, pois, para uma pessoa um discurso pode ser lido como uma constatação e para outra pessoa o mesmo discurso proferido pode ser lido como uma performatividade. Ou seja, se eu informo algo que acontece em dado momento, cada pessoa se apropriará da informação a sua maneira e o que foi pronunciado como uma constatação pode ser performativa. Os discursos precisam estar inseridos em contextos apropriados para maior entendimento.

A METODOLOGIA EM FOCO

Conforme o resumo trazido neste artigo, às ações do GECED são resultado de atividades propostas dentro do projeto integrado denominado “Descolonizando: debates e reflexões sobre currículo educacional e diversidades”, desenvolvido junto ao programa de extensão LET (Laboratório de estudos do texto) na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Além disso, a temática também atende à pesquisa continuada em desenvolvimento, nesta universidade com o título: “Debates e reflexões sobre currículo educacional e diversidade”.

Para o desenvolvimento da pesquisa qualitativa, (FLICK, 2009) como resultado do trabalho desenvolvido ao longo do ano de 2019 optamos pela Análise de Conteúdo de (BARDIN, 2016). Esta forma de tratar os dados nos possibilita um procedimento de análise apropriada para o caso, pois, os dados são coletados como forma de avaliação junto aos (as) participantes do GECED. Assim, o tratamento dos dados com a Análise de Conteúdo nos possibilita a reinterpretação dos dados coletados com técnicas apropriadas para esta etapa da pesquisa.

A organização e o desenvolvimento do GECED foi uma maneira que encontramos de reunir as atividades de ensino, de pesquisa e de extensão realizadas durante esses três anos por alunos (as) e professores (as) de escola pública e de acadêmicos (as) e professores (as) do ensino superior.

Os materiais utilizados para embasamento teórico são oriundos das pesquisas que envolvem o GECED e os dados em geral, são procedentes de nossas inserções em espaços de educação formal, não formal e instituições sociais que nos abrem as portas. A metodologia do GECED tem sido, ao longo desses anos de ir até o local, que pode ser indicado por qualquer um (a) dos participantes e em diálogo, levantar alguma forma de ação, se interessar à instituição. A partir disso, procuramos saber quem é o público alvo e apresentamos um leque de possibilidades de inserções que podem ser escolhidas.

Outra possibilidade é a instituição nos dizer que tipo de ação seria mais interessante para aquelas pessoas. E isso foi o que ocorreu durante todo o ano de 2019, quase todas as instituições direcionaram as nossas ações.

Ao início do ano de 2019 fizemos algumas inserções em escolas. Essas atividades foram organizadas para serem trabalhadas na semana, próxima ao dia das mulheres. O grupo se organizou e preparou atividades (oficina) sobre a família: mais especificamente, os papéis das pessoas que constituem a família. Por meio de contato com professoras em atuação na rede de educação básica estivemos em algumas escolas e após a negociação com a direção das escolas nos organizamos para a inserção. O grupo conseguiu atuação em duas escolas públicas e abrangemos mais ou menos uns 160 alunos (as).

Além disso, em 2019 atuamos em três instituições diversas, uma ONG que trabalha com o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos; em um asilo e em uma vila quilombola. Nestes espaços, a negociação com os (as) administradores/diretores (as) nos



possibilitou prepararmos atividades que eles (as) entenderam serem mais interessantes para seu público.

O GECED EM 2019 - DESCRIÇÃO DAS AÇÕES

Conforme temos discorrido neste artigo, as atividades do GECED em 2019 seguiram no formato de projeto que integra as ações de ensino, de pesquisa e extensão. E neste sentido, são trazidos os planejamentos das atividades que foram levadas às comunidades.

As atividades realizadas no ano de 2019 por integrantes do grupo GECED são resultado de trabalho de pesquisa, de ensino e de extensão entre comunidade acadêmica e comunidade civil organizada. Essa parceria possibilita o crescimento pessoal e profissional para ambos os lados e neste artigo trazemos a avaliação por parte de acadêmicos/as sobre a suas participações nestas atividades.

ATIVIDADES DO GRUPO DE ESTUDOS EM CURRÍCULO EDUCACIONAL – 2019

Atividade	Objetivos	Resultados
Oficina: Criança tem mãe e pai, realizado em 19 de março com alunos das séries finais do ensino fundamental e do Ensino Médio.	Objetivo: Desenvolver o debate, com a utilização de relatos de experiência, acerca de maternidade e paternidade com adolescentes em escolas de educação básica de Ponta Grossa. Temas: família, maternidade, paternidade, responsabilidade, direito das famílias, gravidez na adolescência.	Resultados: Ampla participação dialogada de alunos/as com relatos surpreendentes relacionados à família; à bullying e à sexualidade. Os relatos foram debatidos e houve esclarecimentos sobre a importância do diálogo sobre os temas considerados tabus e a relevância da convivência dentro das diferentes manifestações identitárias dos seres humanos.
Após a realização da oficina nas escolas de educação básica passamos a ter mais dificuldade de acesso às escolas e por isso o grupo se optou por realizar as intervenções sobre currículo e diversidades em outras instâncias, pois, um dos objetivos é a abrangência mais ampla de instituições diversas. Nesta perspectiva ocorreu o Sarau Vinícius de Moraes, realizado em um asilo do município de Ponta Grossa, no dia 14 de setembro.	Objetivo: Debater e propiciar o fortalecimento da amizade. Também ouvir os moradores do asilo.	Resultado: As pessoas que participaram da atividade se sentiram acolhidas, tivemos muitos relatos de amizades desenvolvidas no interior da instituição e outros/as contaram sobre a vida antes e depois de estarem na instituição. Alguns/mas integrantes do GECED se emocionaram e comentaram da importância daquela atividade
Curso de Línguas Estrangeiras Modernas, realizado durante todo o ano em uma Organização não Governamental do Município de Ponta Grossa.	Objetivo: Desenvolver estudos relacionados à cultura e a língua estrangeira escolhida. Ementa: Introdução às habilidades comunicativas em	As atividades realizadas na ONG (manteremos sigilo do nome) com o ensino e a aprendizagem em línguas estrangeiras oportunizou a formação em línguas estrangeiras: inglês e espanhol para pessoas que não teriam como frequentar uma escola



	Língua Espanhola/Língua Inglesa com vistas ao desenvolvimento das práticas linguísticas e socioculturais.	de idiomas. Além disso, as aulas foram ministradas por participantes do GECED que tiveram a oportunidade de colocarem em prática o seu aprendizado na universidade. Tanto as pessoas que ministraram como as que realizaram os cursos tiveram seus certificados emitidos pelo projeto e pela instituição UEPG.
Roda de conversa realizada no dia 09 de novembro, em comunidade quilombola localizada no interior do Município de Ponta Grossa.	Objetivo: Debater sobre a formação da Colônia de Comunidade Quilombola Tema: A Comunidade Quilombola (...) e sua formação	Avaliação: Atividade de abrangência social que nos proporcionou conhecer e dialogar com moradores de uma Comunidade Quilombola.

Fonte: criação da autora (2020)

Desta maneira, além de apresentarmos as atividades desenvolvidas no ano de 2019, também trazemos as opiniões desses/as acadêmicos/as envolvidos/as nas atividades de ensino, pesquisa e extensão no formato de categorias.

Para a obtenção dessa categorização foram utilizadas as respostas dos/as participantes do grupo GECED. Ao todo foram computados 13 (treze) textos em que os/as participantes apresentaram suas impressões e avaliações sobre o trabalho realizado no ano letivo de 2019. Utilizou-se uma numeração de 1 a 13 acrescidos da letra A maiúscula de acadêmico/a, para a manutenção do sigilo da identidade das pessoas.

Para este artigo, o foco da avaliação está voltado para os/as participantes do projeto devido ao caráter de formação profissional, acadêmica e humana que o projeto proporciona, uma vez que as atividades desenvolvidas no GECED vão além dos muros da universidade.

A partir das avaliações, em forma de textos, com o seguinte tema: faça um relatório sobre a sua participação no GECED em 2019, chegou-se a 3 (três) categorias referentes à efetivação da participação de cada pessoa no grupo. Foram estas as categorias: Categoria 1 – A importância de estudar a linguagem; com nove respostas. Categoria 2 – O fortalecimento das relações humanas, com seis respostas. Categoria 3 - A *práxis* como formação, com dez respostas.

A análise de conteúdo de (BARDIN, 2016) pode ser tratada em etapas em que são sistematizadas as ideias a partir dos textos escritos pelos/as participantes. Cada fase da organização pode ser realizada no seguinte formato: 1) pré-análise; 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, com as inferências e as interpretações no formato de categorias, conforme apresentado neste artigo.

As primeiras leituras dos textos servem para organizar e operacionalizar as próximas etapas do trabalho da pesquisa, essa fase é a pré-análise, pois, a partir dessas leituras é que serão levantadas as hipóteses, com a exploração do material para a delimitação das categorias que poderão ser formadas para, posteriormente serem utilizados com os recortes dos textos dos/as participantes.

Somente a partir desse momento é que é possível seguir para as análises dos dados. Assim, ao utilizarmos a análise de conteúdo de Bardin (2016), a categorização de um trabalho é uma parte fundamental para a efetivação, neste caso dos resultados da pesquisa resultante de ações de ensino e extensão.



ANALISANDO OS DADOS

As atividades que desenvolvemos no decorrer de nossa existência vão nos modificando como seres humanos e conforme Braga (2018), essa é uma condição dada por sermos seres que aprendemos o tempo todo. Essas aprendizagens estão relacionadas ao desenvolvimento constante da linguagem; ao fortalecimento de nossas relações com os nossos pares e pela convivência com a diversidade que somamos enquanto seres humanos que, nos completamos. Assim, tanto a linguagens como as relações humanas estão interligadas em nossa práxis, ou seja, naquilo que absorvemos da teoria e aplicamos em nossas práticas, seja na vida profissional ou na vida social em comunidade.

Dentro dessa especificação ampla sobre as formas de aprendizagens dos seres humanos existem as diferentes maneiras de as pessoas se enquadrarem e se perceberem, de acordo com Butler (2017). Esses enquadramentos para esta autora são formados pela composição e decomposição de um sujeito, por exemplo.

Mas, se os contextos são enquadrados (não existe contexto sem uma delimitação implícita), e se um enquadramento rompe invariavelmente consigo mesmo quando se move através do espaço e do tempo (se deve romper consigo mesmo a fim de se mover através do espaço e do tempo), então o enquadramento em circulação tem de romper com o contexto no qual é formado se quiser chegar a algum outro lugar (BUTLER, 2017, p. 25).

As análises aqui apresentadas são enquadramentos trazidos no formato de categorias. Cada categoria apresenta certo enquadramento que os/as participantes do GECED apresentaram depois de um ano de desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão. Os textos resultantes de análise sobre suas participações no grupo desvelam possíveis rompimentos do conhecimento acumulado anteriormente com aquilo que estas pessoas (acadêmicos/as) puderam vivenciar dentro do GECED, no ano de 2019.

Para Butler (2017), o enquadramento em cada indivíduo não é reproduzido de forma homogênea porque sempre há rupturas nos contextos.

Essas características do enquadramento são diferentes o tempo todo e neste artigo são trazidas as versões de enquadramentos que cada participante pode se apropriar durante sua permanência no GECED. Por exemplo, na categoria 1 – A importância de estudar a linguagem traz-se a resposta de um/uma participante que abaliza a questão com um enquadramento sobre linguagem conforme segue: “A1- As atividades permitiram pensar pensando a linguagem como dispositivo que possibilitaria a interação entre as comunidades buscando entender suas organizações e formações históricas.” Nesta resposta, ao que se apresenta é um entendimento por linguagem que o/a participante ainda não tinha, ou seja, não fazia parte de seu enquadramento sobre linguagem até fazer parte das atividades de ensino, pesquisa e extensão, depois de inserido no Projeto Integrado, ao qual o grupo de estudos GECED é um braço.

Outro exemplo que se pode apresentar sobre a categoria um está representado na resposta de:

A7 Todas as atividades desenvolvidas neste semestre foram relevantes e nos fizeram refletir muitas coisas a partir do que estava sendo estudado, sobre os discursos, os tipos de linguagem e nos fizeram pensar mais no que nossos atos de fala podem impactar e qual a intencionalidade dos nossos próprios atos. Refletir sobre o estudo da linguagem cotidiana.



Tudo o que foi abordado relevou muito meus conhecimentos como acadêmica, foi uma experiência enriquecedora.

Esta pessoa apresenta uma resposta que a enquadra dentro da categoria um e se pode dizer conforme Austin (2008), que cada vivência está relacionada com as nossas experiências epistemológicas praticadas ao longo de nossas vidas.

A percepção sobre a relevância dos estudos com a linguagem e o quanto isso tudo influencia os enquadramentos que fazemos do mundo desvela que o rompimento de um conhecimento anterior dessa pessoa proporcionou “outras possibilidades de apreensão” (BUTLER, 2017, p. 28) sobre um determinado tema, neste caso como a linguagem pode ser compreendida. Assim, a categoria 1 – A importância de estudar a linguagem está representada na resposta do/a participante A7.

Outra resposta que pode ser trazida para exemplificar a Categoria 1 sobre a linguagem é a resposta do/a participante:

A8 O objetivo das discussões é entender que a linguagem é carregada de efeitos, de poder e de que maneira podemos usá-la para trabalhar assuntos diversos e com públicos diferenciados, conseguir ver, entender, refletir a realidade em cada contexto. As discussões são extremamente proveitosas e dão um suporte para as intervenções do grupo.

A questão da linguagem apresentada por este/a participante está relacionada ao uso da linguagem para fazer coisas, conforme Austin (2008). Esta resposta representa uma performatividade percebida por A8 que, de alguma maneira sua vivência junto ao GECED pode lhe proporcionar entender de outra maneira contextos de outrora lidos também de outras formas, isso é a performatividade, conforme Rajagopalan (2010), os performativos produzidos em determinados contexto podem gerar outros performativos e assim sucessivamente.

Por isso, neste estudo não se tem a intenção de apresentar uma verdade sobre a linguagem para as pessoas que participaram e sim que, provavelmente tenha sido possível aos participantes perceberem que a linguagem está povoada por muitas performatividades.

Com efeito, posso tentar dar forma narrativa a certas condições de meu surgimento, ou tentar, por assim dizer, contar uma história sobre quais significados a “exposição ao outro” pode ter tido para mim, como foi esse corpo emergente na esfera íntima ou pública, ou também contar uma história sobre as normas do discurso – quando e onde eu as aprendi, o que pensei delas, quais foram imediatamente incorporadas e de que maneira (BUTLER, 2017, p. 53).

Nestes termos, não somente a resposta de A8 na Categoria 1 sobre a questão da linguagem, como também as respostas de outros/as participantes são performatividades formadas em um contexto que tinha o objetivo de proporcionar as reflexões entre as pessoas sobre seus entendimentos a respeito da linguagem e seus efeitos com os outros, por exemplo. E dadas às respostas até aqui apresentadas o que se tem são quiçá, percepções outras daquelas que os/as participantes traziam antes de participarem do GECED.

Seguindo com as análises têm-se a Categoria 2 – O fortalecimento das relações humanas. Nesta categoria, entre os treze participantes foram seis as respostas compiladas para esse junto de respostas sobre o fortalecimento das relações humanas. Quando o tema está relacionado ao modo como as pessoas se comportam em sociedade uma percepção que surge é a questão da ética. A relação entre os seres humanos carece de atenção periódica no



convívio social. O posicionamento de cada sujeito no discurso poderá desvelar situações de convívio em que será percebida maior ou menor empatia entre as pessoas. “O reconhecimento de que não somos, em cada ocasião, os mesmos que nos apresentamos no discurso poderia implicar, por sua vez, certa paciência com os outros que surpreenderia a exigência de que fossem idênticos a todo momento” (BUTLER, 2017, p. 60).

Esse entendimento apresentado por Butler (2017) está representado nas respostas dos/as participantes do GECED, na Categoria 2, pois, nesta compilação de respostas sobre a importância de perceber que a linguagem pode incluir, mas que também pode excluir as pessoas o que se observou foram discursos sobre a importância do outro em nossa vida. Um exemplo que pode ser apresentado é o caso do/a participante A5 sobre sua participação em uma das atividades desenvolvidas no grupo, diz a pessoa:

A5 Pudemos concluir, após a inserção que de nada adianta teoria, se não pudermos aliar à prática. E que isso só se concretizou graças ao estudo de textos, às discussões em sala, rodas de conversa, oficinas e às trocas de experiências com as mais variadas pessoas e suas respectivas realidades. Tudo que realizamos veio a somar ao nosso conhecimento, através da vivência da Língua.

Conforme a descrição compilada para a Categoria 2 do/a participante A5, o que se tem são palavras demonstrando a relevância de inserção do projeto em espaços múltiplos e que provavelmente essas pessoas não tivessem a oportunidade de seguir apenas com o currículo de seu curso. São as atividades extracurriculares que oportunizam outras experiências para acadêmicos/as e de acordo com Goodson (2013) permite que as pessoas envolvidas com o processo de ensino e aprendizagem possam redirecionar o discurso educacional.

Mais uma resposta corrobora com as questões sobre a importância do fortalecimento das relações humanas: “A9 Participar do grupo tem ampliado meus horizontes acerca de muitos assuntos, como, por exemplo: marginalização cultural, preconceito linguístico, minorias e etc. [...]” Essa pessoa lista algumas temáticas que, grosso modo, pode dizer que, se estão inseridas nos currículos educacionais se encontram marginalizadas, de forma que talvez ganhe uma ou duas aulas para serem trabalhados os temas em sala de aula.

Desta feita, o GECED também atua com protagonismos que proporcionam às pessoas que participam das atividades de ensino, pesquisa e extensão um itinerário diversificado sobre temas tabus e marginalizado no currículo educacional do curso. Afinal, conforme Butler (2017, p. 65) “Antes de julgar o outro, devemos ter algum tipo de relação com ele.” Qualquer que seja o juízo feito sobre as outras pessoas precisam passar por experiências que nos possibilitem, ainda que por um espaço curto de tempo, vivenciar as experiências que estas pessoas sentem em sua rotina. As atividades que combinam principalmente um preparo anterior (a pesquisa) e a inserção (extensão) no ambiente desconhecido até então para os/as participantes produzem as mais diferentes percepções que são exteriorizadas no momento da avaliação de suas participações no GECED.

Neste mesmo sentido é que se traz mais uma resposta compilada para a Categoria 2 O fortalecimento das relações humanas. Diz esta pessoa:

A8 Para nós do grupo GECED tudo que aprendemos esse ano foi de grande valia, todo o suporte teórico que tivemos as inserções em especial, nos mostram uma realidade fora dos muros da universidade e nos coloca em contato com pessoas que vivem realidades muito diferentes que a nossa, que tem algo a nos contar, dividir conhecimento. Acredito que nós



ao nos voltarmos para estas pessoas e ver a realidade em que vivem suas histórias, seus conhecimentos de mundo, nos tornamos mais humanos e nos fazem olhar para as necessidades do nosso próximo, isso é a ponte entre pesquisa, ensino e extensão. O que aprendemos na universidade é preciso levar para a sociedade, e a sociedade nos devolve em mais conhecimento, mas o principal é doar o nosso tempo para conviver, conhecer e aprender com pessoas que tem muito a nos ensinar.

O exemplo do/a participante A8 reforça o que Rajagopalan (2010) defende a importância da convivência entre as pessoas que estão nas universidades com aqueles/as considerados/as leigos/as. Para o autor: “Defender que as pessoas comuns só podem ser convencidas por certos argumentos de exposição repetida é admitir tacitamente que elas são incapazes de raciocinar por si mesmas ou serem levadas por si mesmas a apreciar a racionalidade desses argumentos” (RAJAGOPALAN, 2010, p. 240). Assim, se futuros/as linguistas (acadêmicos/as Letras) não tiverem contato com as pessoas exteriores à universidade, como bem diz o autor citado, poderão acreditar que os/as outros/as são animais irracionais. A linguagem é de e para todos/as, sejam leigos/as ou pesquisadores/as das mais diferentes áreas.

O pesquisador Goodson (2013) vem insistindo que na história é comum a leitura de currículos que desprezam as diferentes formas de inclusão social e em geral, os currículos educacionais são organizados por pessoas de grupos sociais mais favorecidos com relações próximas àqueles/as que detêm o poder e “Quanto mais poderoso for o grupo social mais provável é que ele exerça algum poder sobre o ensino escolar” (GOODSON, 2013, p. 146). Evidentemente, a inclusão social não responde aos interesses de grupos socialmente favorecidos. Novamente é vislumbrada a importância do desenvolvimento dessas atividades que envolvem acadêmicos/as; professores/as e sociedade em geral.

A resposta de A8 se concretiza nos discursos destes autores, tanto Rajagopana (2010) como Goodson (2013) apontam que o que se aprende nas universidades precisa ser levado para a comunidade em geral. Essa troca de conhecimentos entre a ciência e o povo é que garante a lógica de existência das instituições de ensino com a oferta do ensino, da pesquisa e da extensão. Afinal, esse não é um tema apenas para este artigo, pois, a Constituição brasileira diz: “Art. 207. As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. (EC no 11/96)” (BRASIL, 2016, p. 201).

Assim podemos vislumbrar e analisar a última categoria formada com as respostas dos treze participantes do grupo GECED. A Categoria 3 ficou assim constituída: A *práxis* como formação em que dez acadêmicos/as responderam nesta perspectiva da interação entre a teoria com a prática.

O tratamento dado ao tema sobre a *práxis* desloca alguns entendimentos para a efetivação da ação do ensino e da aprendizagem. Entender a participação do sujeito em atividades indo além do currículo contribui para a apropriação da ação de formação profissional docente em sua plenitude. Evidente que a percepção de uma *práxis*, em seu processo de formação, não garante ao sujeito a competência profissional ou o sucesso, mas o insere entre as pessoas capacitadas pela autonomia, pois, a partir das experiências entre o que se estuda em livros, textos, entre outros e o que realmente ocorre na vida real é o que espera quando se trata da esperança, citada em Freire (2000), neste mesmo texto.



Neste segmento é que parece relevante apresentar algumas das categorias em que acadêmicos/as registram em texto a importância da participação no GECED.

A4 As leituras, discussões e inserções foram importantes para a nossa formação acadêmica, profissional e pessoal, pois a partir delas podemos refletir sobre a sociedade em que vivemos e repensar nossa prática pedagógica, para melhorar as condições de ensino e aprendizagem de nossos futuros alunos. Esta primeira resposta trazida aponta para algumas possibilidades como a “reflexão sobre a sociedade”; “repensar a prática pedagógica” e “para melhorar as condições de ensino e aprendizagem de nossos futuros alunos”

A questão do refletir sobre o social como um todo nos diz que somos seres que precisamos das relações sociais mais amplas e refletir sobre a sociedade também pode me dizer que também sou parte desse todo e assim como o outro tenho responsabilidades enquanto cidadão.

Em um curso de licenciatura, como é o caso do curso destas pessoas que participaram no GECED em 2019, o entendimento sobre o seu lugar na sociedade é uma questão de se apropriar do que significa a docência. Evidentemente que não somente os/as docentes precisam se perceber no mundo, mas seria uma incongruência um/a professor/a não entender que a sala de aula é lugar formado por sujeitos iguais si mesmo. Trata-se de pessoas com histórias e experiências diferentes que precisam ser lidas e entendidas dentro de suas diversidades e idiossincrasias. A relacionalidade, como bem diz Butler (2017) é requisito *sine qua non* para a convivência em sociedade e como consequência da importância de ser professor/a na sala de aula dentro de uma relação de convivência e respeito pela profissão.

Neste seguimento, são apresentadas as respostas seguintes sobre a importância da união entre a teoria com a prática para a formação docente.

A5 Pudemos concluir, após a inserção que de nada adianta teoria, se não pudermos aliar à prática. E que isso só se concretizou graças ao estudo de textos, às discussões em sala, rodas de conversa, oficinas e às trocas de experiências com as mais variadas pessoas e suas respectivas realidades. Tudo que realizamos veio somar ao nosso conhecimento, através da vivência da Língua. A6 Reconhecendo a importância desses percursos, acredito que o GECED, assim como nosso currículo, nosso curso, e a própria UEPG, vai se (re)construindo. E se nos propomos a articular nossos referenciais teóricos, nossas intervenções – não só vinculadas à prática no grupo, mas a atuações cotidianas também – e compreender, como esse relatório se propõe, o lugar onde estamos, é mais tranquilo projetar os lugares que gostaríamos de estar. A10 Durante a participação no grupo pude perceber a importância da relação da prática com a linguagem, e como nós podemos ser sujeitos ativos e transformadores da linguagem, e sempre nos humanizando a nós mesmos e os diferentes públicos que vamos estar inseridos na sociedade. A13 Práticas como leitura e discussões coletivas, mas com condução de determinado grupo de pessoas; intervenções individuais ou, como as que participei, com muitos alunos, dão um novo significado aos textos que temos acesso nos encontros: elas permitem que a práxis aconteça, e assim, ultrapassamos os limites da sala de aula e universidade, para alcançar a sociedade como um todo.



O entendimento sobre a relevância da teoria aliada à prática, para esta pessoa participante é reforçada pelo entendimento de que é preciso haver a interação, porque só a teoria ou somente a prática não servem para a docência. Para Davini (2010), as questões de a teoria caminhar junto com a prática apresentam uma dicotomia que precisa ter maior atenção por parte de quem forma professores. Para a autora existe certa tendência de os cursos que formam docentes não se aprofundarem na teoria, o que seria fundamental para haver questionamentos na prática, sobre o que pode ou não funcionar com a educação. Davini (2010) diz também que ao eleger uma teoria para os cursos que formam docentes, estas são feitas de forma fragmentada o que ao serem testadas, depois do curso de graduação, não apresentam sentido e acabam sendo deixadas de lado pelos/as docentes.

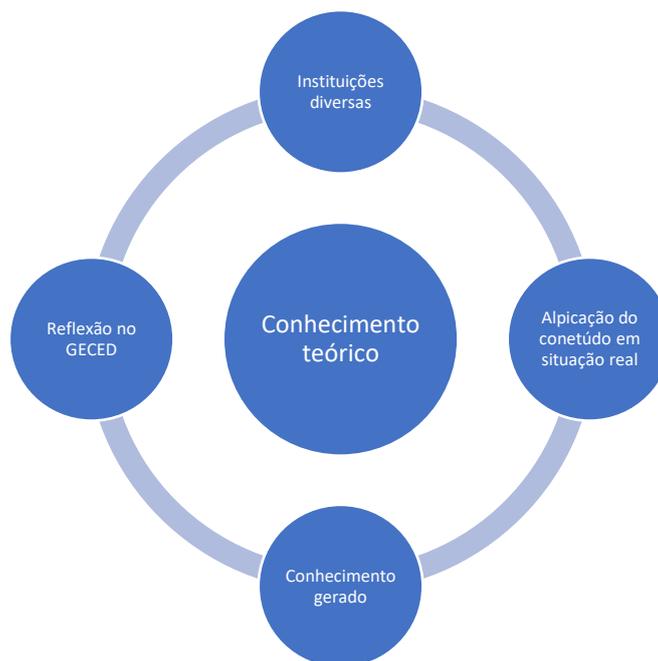
Assim, o entendimento desses/as participantes sobre a relevância de o GECED trabalhar com a pesquisa teórica em certos momentos e praticá-las em instituições reais, durante a participação no projeto lhes permitiu compreender a importância dessa união da teoria com a prática, antes mesmo de essas pessoas saírem para o mercado de trabalho.

Os/as três participantes apontam para essa indissociabilidade entre a teoria com a prática, além de assinalar para as questões da relevância do papel da universidade em trabalhar com o ensino, a pesquisa e a extensão como forma de proporcionar a formação docente. As indicações sobre a língua e o currículo também são destaques que merecem ser trazidos à baila para reflexão.

Conforme enfatizado anteriormente a questão da trilogia ensino, pesquisa e extensão são a garantia da universalização do conhecimento. Entretanto, é sabido que tais especificidades nem sempre são respeitadas em um currículo educacional. Por isso, a relevância destes apontamentos por parte dos/as participantes na Categoria 3 - sobre a *A práxis* como formação. Para Davini (2010), a *práxis* é a efetiva transformação da junção da teoria com a prática, ainda na formação inicial de docentes. Este será o momento em que o/a acadêmico/a vai perceber os possíveis problemas, bem como a possibilidade de testar a teoria em uma dimensão real de ensino e aprendizagem.

Além disso, a testagem da teoria em ambiente diversos ainda proporciona que acadêmicos/as possam trazer as experiências de volta para a universidade e dividir no grupo de estudos as angústias e os sucessos observados na prática. Dessa maneira, o círculo dos experimentos entre todos/as que participam das reflexões geram outras formas de conhecimento que poderão ser aplicados em outros momentos de inserção, conforme trazido na figura 1.

INTERSEÇÃO DO CONHECIMENTO



Fonte: criação da autora (2020)

A figura 1 apresenta ou sintetiza o ciclo de estudos formado a partir de um projeto integrado de ensino, pesquisa e extensão. A proposta é sempre partir de um conhecimento teórico para a aplicação em situação real de uso do conhecimento que gerará um conhecimento que é trazido de volta para a instituição, assim fazemos outras reflexões para a geração de outra tese e novamente busca-se em outro ciclo de estudos o desenvolvimento de questões que surgirem de dúvidas e assim sucessivamente. Os atos de falas performatizados em cada situação servem de base para o início de outras teses e essas performatizações são o conhecimento adquirido e novamente levado para a testagem em inserções extensionistas. Nestes termos, a proposta é de que: “a teoria não é a causa; ela é na melhor das hipóteses, uma consequência do trabalho investigativo” (RAJAGOPALAN, 2014, p. 13).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O início destas considerações parte do título do artigo com a menção feita à diversidade e o currículo educacional. E por que essa opção? Porque o GECED por ser um grupo de estudos formado a partir de uma pesquisa continuada e de um projeto integrado de ensino, pesquisa e extensão tem o foco para atuação em instituições de ensino formal ou não formal que dispusessem em sua constituição de um currículo. Entretanto, no início do ano de 2019, devido à necessidade de legitimar um trabalho de conclusão de curso (TCC), que apresentava temática relacionada à diversidade foi preciso submeter o TCC à Secretaria Estadual de Educação em atendimento à Resolução SEED 406 2018. Tal procedimento ocorreu via Núcleo Regional de Educação e em tempo hábil, a documentação foi aprovada.

Diante dessa situação fomos informados/as em uma das reuniões com o pessoal do Núcleo Regional de Educação, responsável pelo trâmite da documentação que o grupo GECED não poderia aceder às escolas para as intervenções, ainda que tivéssemos a



autorização por parte das direções das escolas. Após esse comunicado nos afastamos das escolas, no ano de 2019 e focamos as atividades em instituições que não estavam sob o controle do Núcleo Regional de Educação e assim chegamos a algumas ONGs, locais em que tivemos a oportunidade de trocar experiências da universidade com a comunidade. Desta forma, a maior parte de nossas atividades em 2019 ocorreu em Organizações não governamentais, o que nos possibilitou experiências relevantes e enriquecedoras para todos/as do GECED.

Desta forma, é possível concluir que os objetivos foram atingidos e conforme as discussões apresentadas neste artigo, se não houve maior foco na temática do gênero e da sexualidade, outras questões sobre a diversidade como o fortalecimento das relações humanas, além da percepção por parte dos/as participantes sobre a importância de entendimento sobre a linguagem e o seu poder, ainda sobressaiu à questão da formação docente em que os/as participantes apontaram o quanto relevante é trabalhar com a teoria aliada à prática.

Em tempos de ataques à área de humanas e o endeusamento da razão (RAPAGOPALAN, 2014), a percepção do quanto o outro ser humano é importante para a constituição do eu, quando Categoria 2, formada pelo fortalecimento das relações humanas representa uma relação entre o eu e o outro, o eu e o eu mesmo/a preciosa para uma pessoa que atuará com a educação.

O outro presta um testemunho e registra o que não pode ser narrado, agindo como aquele que pode enxergar um fio narrativo, ainda que basicamente aquele cuja prática da escuta encena uma relação receptiva para com o si-mesmo que o próprio si-mesmo, em apuros por causa de sua autocensura, não oferece a si mesmo. (BUTLER, 2017, p. 105).

Parece que a Categoria 2 é uma dessas conclusões fundamentais para futuros/as professores/as. Para Davini (2010), professores/as carecem de formação pedagógica e um ponto criticado pela autora é o não saber ouvir ao outro. Assim, a possibilidade que estas pessoas, no GECED, tiveram de ir ao encontro de diferentes grupos para ouvi-los/as, procurar compreender suas formas de convivência e formação e dá importância de tocar, abraçar e, sobretudo respeitá-los/as em suas diferenças pode ser uma forma de processar o conhecimento, a partir do universo do/a outro/a. Estamos convencidos que isso é fazer ciência em humanas, entender as ações subjetivas de si mesmo/a e do/a outro/a, formar o mosaico do conhecimento que no caso de professores/as de linguagem somarão ao seu próprio currículo para sua vida.

A Categoria 1, com a temática sobre a importância de estudar a linguagem e seus efeitos de poder, conforme trazido por um/a dos/as participantes, evidencia que a linguagem é capaz de fazer coisas e de proporcionar (des) entendimentos conforme seja o contexto de uso. O entendimento da linguagem em uso, conforme Austin (2008) é obscuro e incerto, assim compreender que ao usar a linguagem os seres humanos estão agindo na sociedade e estas ações geram reações, entre as pessoas que a utilizam, é primordial para que cada comunidade de fala seja percebida em sua diversidade. E neste sentido, o GECED, de acordo com os textos dos/as participantes conseguiu êxito, pois, o registro de A5, por exemplo, enfatiza sobre a importância de vivenciar as experiências de inserção junto às pessoas em suas realidades e experiências por meio do uso da linguagem.

Por fim, a Categoria que trata da *práxis* na formação docente resultou em um aprendizado significativo para os/as participantes do grupo. De acordo com Davini (2010), uma característica percebida entre os docentes recém-formados é a falta de conexão entre a



teoria e a prática, assim, estas pessoas que participaram do GECED em 2019 trouxeram em suas avaliações a relevância do trabalho com o ensino em suas salas de aulas, da pesquisa no grupo e a aplicabilidade nas diferentes inserções como forma de extensão.

Como forma de encerrar estas considerações, acredita-se que não seja possível comprovar que efetivamente as avaliações apresentadas ao final do ano de 2019 carregam a verdade sobre cada participante, mas como diz Rajagopalan (2014, p.109): “a ideia de que alguém pode se dar ao luxo de se contentar com uma mera descrição do objeto, sem deixar as marcas do olhar é pura bobagem.” Ou seja, as experiências foram reais, entretanto como cada um/a vai levar isso para sua vida a parte que lhe parecer mais significativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTIN, John Langhaw. *Cómo hacer cosas con palabras: palabras y acciones*. 2ª. Ed. 2ª. Reimp. Buenos Aires: Paidós, 2008.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Edição vista e ampliada. Tradução: Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRAGA, Lucimar Araújo. *Relações de currículo na formação inicial de professores: uma análise a partir das concepções de licenciandos do Curso de Letras*. Tese (Doutorado em Educação – Área de Concentração – Educação), Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2018.

BRAGA, Lucimar Araújo. Em busca de uma formação sem sacralização. 8-20 In.: CORREA, D. A. (Organ.). *Saberes integrados: sociedade e universidade*. 1ª. Ed. Ponta Grossa, Container Edições e Edições Muitas Vozes. 2018.

BRAGA, Lucimar Araújo. O currículo e as possibilidades de estudos com gênero: experimentos com a curricularização da extensão. 93-116 In.: Ana Lucia Pereira *et. al.* *ÁGORA: fundamentos epistemológicos e pesquisas avançadas em educação*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2019.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC. Recuperado de: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNC_C_20dez_site.pdf. (Acesso 11-11-2018), 2017.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Tradução: Rogério Bettoni. 1ª. Ed. 3ª. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Tradução: Sérgio Tadeu de N. Lamarão e Arnaldo M. da Cunha. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

DAVINI, Maria Cristina. *La formación docente en cuestión: política y pedagogía*. 1ª. Ed. 5ª. Reimp. Buenos Aires: Paidós, 2010.



FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 3ª. Edição. Porto Alegre: Bookman, Artmed, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. (1997). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

PARANÁ. *Resolução SEED 406 - 01 de fevereiro de 2018*. Recuperado de: <https://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=190758&indice=1&totalRegistros=1> (Acesso 10-12-2019).

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Nova Pragmática: fases e feições de um fazer*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Da arrogância cartesiana à “nova pragmática” 11-14 In.: NASCIMENTO E SILVA, D. *et al.* (2014) (Organ.). *Nova Pragmática: modos de fazer*. - São Paulo: Cortez, 2014.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. A pesquisa política e socialmente compromissada em pragmática. 101-126 In.: NASCIMENTO E SILVA, D. *et al.* (2014) (Organ.) *Nova Pragmática: modos de fazer*. - São Paulo: Cortez, 2014.

Submetido em outubro de 2020

Aprovado em maio de 2021

Informações da autora

Nome: Lucimar Araújo Braga

Afiliação institucional: UEPG UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

E-mail: labraga2007@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0178-4516>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8582701929104828>